

## Entrevista com Daniel Krasucki – livreiro e escritor<sup>1</sup>

Sandra REIMÃO<sup>2</sup>  
Flamarion MAUÉS<sup>3</sup>

Imagem 1 - Daniel Krasucki e a Banca do Daniel na ECA-USP, junho 2015



Fotografia: F. Maués

O *Dicionário Técnico de Termos Alfarrabísticos*, de Paulo Gaspar Ferreira, indica que, por um longo período, o termo livreiro se “aplicava a todos que contribuíam para o fabrico, a edição e a venda do livro”; entretanto, no final do século 20, o termo livreiro passou a designar mais especificamente aqueles que trabalham com o comércio de livros, “aos que praticam a sua venda”.

A socióloga Frédérique Leblanc apresenta a ideia de que o livreiro se distingue do vendedor de livros por prestar um serviço especializado e único. Para ela “um livreiro não é só um bom vendedor de livros”, mas alguém que assegura um serviço que “inclui não só o acolhimento, mas sobretudo o conselho, a busca bibliográfica e a

<sup>1</sup> Os autores agradecem a colaboração de Ana Caroline Castro, João Elias Nery e Felipe Quintino.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e stágios pós-doutorais na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS). Docente na Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. *E-mail:* [sandra.reimao@gmail.com](mailto:sandra.reimao@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), campus Colatina, e investigador integrado do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. *E-mail:* [flamaues@gmail.com](mailto:flamaues@gmail.com)

encomenda de livros a pedido”. É alguém capaz de “criar um lugar e uma atmosfera especiais, em que tanto os clientes assíduos como os esporádicos têm a certeza de encontrar sempre os seus livros” (*apud* MARTINS, 2005, p. 19).

Apresentamos, a seguir, uma entrevista com o livreiro Daniel Krasucki, realizada em junho de 2015 (e seguida por várias conversas em diferentes datas em busca de complementações e esclarecimentos). Nascido na Argentina, Daniel é graduado em Direito pela Universidade de Buenos Aires. Mudou-se para o Brasil em 1977, em virtude da ditadura militar instaurada em março de 1976 em seu país. Daniel sempre foi um apaixonado por livros, leitor de literatura e filosofia. Possui dois livros publicados: *Exílio da paixão* (São Paulo: Alfa-Ômega, 1983) e *O assassinato da rua Maranhão* (São Paulo: Edições Wanderley, 1998).

Da paixão pelos livros e pela leitura surgiu a ideia de trabalhar no ramo livreiro. O começo foi em 1984, com uma banca de livros na faculdade de comunicação Cásper Líbero, na capital paulista. Em 1986, abriu a banca da ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP). Durante algum tempo coexistiram as duas bancas, até que Daniel optou por manter somente a última. Há mais de três décadas Daniel Krasucki atua como livreiro especialmente voltado para livros de Comunicação, área do saber que ele, sem dúvida, ajudou a consolidar no Brasil.

### **Para começar: como você chegou ao Brasil, e como se tornou livreiro?**

**Daniel Krasucki:** Eu nasci em Buenos Aires, em 1950. Cursei o ensino primário, secundário e universitário em Buenos Aires. Formei-me em Direito, em 1975, na Universidade de Buenos Aires (UBA). Cheguei a trabalhar um tempinho como advogado, até que tive que sair da Argentina devido à repressão da ditadura militar que teve início em março de 1976. A repressão foi por etapas. Na primeira etapa atingiu a guerrilha, mas depois se ampliou para mais movimentos sociais, entre eles, o movimento estudantil da Faculdade de Direito do qual eu fazia parte. No ano de 1977, quando saí da Argentina, eu já havia abandonado a militância política, mas tinha muitas relações [...] amigos que estavam nas listas... Enfim... E, por este motivo tive que sair da Argentina. Só vim parar aqui porque não tinha passaporte. Depois obtive o passaporte e fiquei um ano morando na Espanha, cogitando trabalhar como advogado lá, pois existia um convênio entre Argentina e Espanha. Mas, finalmente pensei... Como já conhecia o



Brasil, resolvi voltar [...].

### **Você chegou a ser preso?**

**Daniel Krasucki:** Eu fui preso na ditadura retrasada, uma ditadura anterior, no ano de 1969. Muito novo! Tinha 19 anos. Foi uma ditadura bastante branda. Um fulano chamado [Juan Carlos] Onganía [...] durou alguns anos, mas a repressão não se compara com o terrorismo de Estado sistemático que houve a partir de 1976 [...]

### **Quando você veio para o Brasil?**

**Daniel Krasucki:** Em 1977. Para situar melhor: em março de 1976 houve o golpe militar de [Jorge Rafael] Videla. Durante o ano de 1976 e começo de 1977, a repressão se dirigiu para os setores mais militarizados da esquerda. No segundo momento a repressão se generalizou e atingiu sindicatos, universidades e movimentos sociais; atingindo alguns amigos e a mim mesmo. O zelador do prédio em que eu morava me salvou [...]. Um dia cheguei em casa, ele morto de medo disse: “vá embora, vieram te buscar e falaram que iam te matar”. E graças a ele, estamos aqui conversando alguns anos depois. [...] fiquei um ano na Espanha. Depois voltei ao Brasil. Preferi ficar aqui no Brasil, e montei uma firma de construção. A firma de construção teve altos e baixos.... Pensei... Escrevo [...] já havia publicado um livro em 1983, havia publicado o livro *Exílio da Paixão* pela editora Alfa Ômega [...] um livro que teve certa crítica, fez certo burburinho, porque tratava justamente da questão da repressão na Argentina. É um romance. O pano de fundo era esse. Eu pensei [...] que se eu escrevia, eu poderia trabalhar e ganhar a vida vendendo livros. Comecei a seguir essa direção, quando comprei a banca de livros da Faculdade Cásper Líbero.

### **Você disse que leu o anúncio em um jornal?**

**Daniel Krasucki:** Eu vi um anúncio no jornal *Primeira Mão*, vi que a banca estava à venda e eu comprei. A pessoa que tinha a banca não queria mais trabalhar com isso, ela era muito pouco familiarizada com livros. Isso foi em setembro de 1984. O que se vendia lá era a bibliografia de comunicação, eram mais ou menos 20 livros: Luiz Beltrão, *Jornalismo Interpretativo*, *jornalismo opinativo*, alguns livros de Marques de Melo, Mário Erbolato. Se você fosse contar tudo que existia publicado no Brasil, dava





20 livros, aproximadamente. Então, coloquei outras coisas na banca, outros livros. Aí o público foi demarcando certas coisas. No fim, a banca se tornou uma banca viva, que funcionava. Na época a compra de livro era somente o livro em papel, não existia internet. Foi se configurando uma situação em que as pessoas compravam na Livraria Cultura, que ficava lá perto, e também compravam um pouco comigo. Com esse pouco que compravam comigo, eu conseguia dar andamento aos negócios. Tudo corria de forma tranquila, até que um dia aparece o [José] Marques de Melo, que eu não conhecia. Ele viu a banca, viu os livros dele expostos, e me falou que ia haver o congresso Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados. O congresso aconteceu em 1986 no anfiteatro da USP. Foi organizado pela professora Margarida [Margarida Maria K. Kunsch]. O professor Marques de Melo me disse: “Olha, você não poderia montar sua banca no congresso?” Aí eu fui para o congresso e montei a banca.

O Congresso deu origem a um livro publicado posteriormente pela editora Loyola. Ali eu soube que seria realizado o Congresso da Intercom [...] seria realizado no Departamento de Jornalismo. O professor Marques de Melo havia voltado do exílio [...] perguntei a ele se poderia montar a banca no Congresso Intercom, e ele disse que sim.

Então, montei minha segunda banca em congressos, também dentro da USP, no Departamento de Jornalismo. Havia aproximadamente 50 pessoas participando desse congresso, para você ter uma ideia de como eram as coisas na época. Um papel preponderante, me lembro, foi o de Sérgio Gomes, que ficou em pé em cima da mesa, fazendo propaganda da Oboré, que era a organização dele, a instituição dele, que trabalhava com comunicação sindical e comunitária. Enfim, uma situação bastante desordenada.

É interessante pensar que em 30 anos mudou completamente o panorama, tanto do ponto de vista da quantidade de instituições de ensino como da quantidade de alunos de graduação e de pós-graduação de comunicação, que não para de ampliar-se; como também da bibliografia que acompanha este desenvolvimento [...]. Quando a gente monta um evento tem que escolher [...] há também um grande universo de livros relacionados direta ou indiretamente com a comunicação.



Imagem 2 - Cartaz do Congresso Intercom 1986



226

Fonte: portalintercom.org.br

### Você continuava com a banca na Cásper Líbero?

**Daniel Krasucki:** Eu criei a banca no Departamento de Jornalismo (da ECA) em 1986 [...] Continuei por mais cinco [...] anos na Cásper Líbero, depois resolvi ficar somente por aqui (na ECA). Durante muito tempo eu ganhei a vida com essa banca [...] [Quando] surgiu a questão de montar a banca no Departamento de Jornalismo, o professor Marques de Melo ligou para o presidente da Edusp [...] ele me apresentou de forma simpática: “Aqui tem um escritor argentino... (eu não deixava de ser um escritor, por que havia publicado um livro, e era argentino). Aqui tem um escritor argentino que

resolveu montar uma banca de livros, você não quer conversar com ele?” Aí eu fui falar com o presidente da Edusp, não lembro bem quem era [...] [criada em 1962, a EDUSP teve Mário Guimarães Ferri como presidente entre 1964 e 1985; José Carneiro dirigiu a editora entre 1985 e 1988]. Fui atendido e ele falou: “Eu não posso autorizar isso, porque não é competência da Edusp autorizar a banca. Mas tenha certeza de que eu não vou colocar nenhuma objeção”. Falei isso para o Marques de Melo, e ele disse: “Instale-se”.

Na ECA havia densidade intelectual, e comercialmente havia mais demanda. É necessário pensar que na época eu vivia da banca [...] hoje em dia, absolutamente não dependo mais da banca [...] Já faz muitos anos que eu passei a ganhar a vida principalmente com a venda de livros nos eventos de comunicação. Isso se juntou, há uns cinco, seis anos atrás, com o início de um trabalho meu com livros usados e raros que hoje é minha fonte principal de ingressos de renda. Ou seja, para mim, a banca da ECA deixou de ser a principal atividade. A atividade principal com livros acadêmicos de comunicação passou a ser nos eventos e congressos. E, pessoalmente, eu passei a trabalhar com livros usados de diversas áreas de ciências humanas. Esse trabalho de livros raros e usados é feito pela internet. Ou seja, mudou muito o formato de comercialização de livros. [...] eu não fiquei à margem dessa mudança, eu consegui me adaptar. De qualquer forma a banca funciona todos os dias, o Márcio é a pessoa que eu tenho na banca [Ele está comigo desde 2000, há 15 anos] [...] Eu trabalho como pessoa física. Nunca quis abrir uma empresa, para os eventos não foi necessário.

### **Como você descreveria a relação que você teve com os alunos aqui da ECA?**

**Daniel Krasucki:** Houve muita interação com os professores, com os estudantes de pós-graduação e um pouco menos com os estudantes de graduação. [...] Embora nos [Congressos] Intercom, por exemplo, onde há muitos alunos de graduação, sempre se prepara alguma promoção. O público são os pesquisadores de ponta. [...]

### **Nesse período todo você atuou vendendo somente livros?**

**Daniel Krasucki:** Só livros.

### **Não vende CD, DVD, algo do tipo?**

**Daniel Krasucki:** Não, jamais! Tenho verdadeiro pavor de qualquer coisa que não seja

papel impresso.

### **Você trabalha com alguma editora específica? Qual editora mais vende?**

**Daniel Krasucki:** Está muito pluralizado, podia-se pensar, alguns anos atrás, que a editora Summus monopolizava a área. De lá para cá, está muito pluralizado, está muito difícil de dizer que uma editora vende mais do que a outra. Muda muito.

### **Voltando nos professores, pós-graduação e alunos... Eles te indicavam livros?**

**Daniel Krasucki:** Fundamentalmente, os pós-graduandos e os professores pediam, indicavam e eu escutava [...] Minha função era escutar as novidades. Pelo peso da ECA nos estudos de comunicação, trabalhar na ECA se tornou a chave para poder trabalhar na comunicação no âmbito nacional, ou seja, a partir da ECA era fácil e possível montar os congressos de comunicação [...] As minhas indicações estão na mesa....

Mas era muito diferente quando o campo estava se constituindo [...] Naquela época apareciam algumas pessoas mais inquietas, por exemplo, a professora Ana Maria Fadul e a professora Immacolata [Maria Immacolata Vassalo de Lopes] [...] [outras] professoras do Rio de Janeiro, do Sul, do Nordeste, elas que me traziam várias sugestões, em certo momento tudo isso se montou e se formatou. Nesse momento alguns professores e pesquisadores tiveram um papel primordial, indicavam-me para as editoras [...]. As editoras começavam a publicar uma quantidade enorme de títulos, muitas editoras com 30, 40 a 50 títulos de publicação ou mais. Em movimento, em forma dinâmica.

### **Daniel, voltando mais para o começo, como surgiu para você esse caminho pelos livros?**

**Daniel Krasucki:** Uma paixão minha por ler, ou seja, eu sempre li muito, não somente os livros da Faculdade de Direito. Eu lia filosofia, eu estudei epistemologia e psicanálise [...] Fiz estudo fora da universidade. Eu sempre tive uma alma inquieta, a própria militância política me levou a ler muito sobre sociologia e política. Eu sempre li. Pensar que eu iria vender Livros [...] isso foi um acaso completo. Um dia apareceu a banca da Cásper Líbero, aí eu comecei. Hoje em dia sinto uma verdadeira paixão por livros raros. No fim da minha vida de trabalho se juntam essas duas coisas, mas minha paixão não

era vender livros, era ler livros [...] li muitos livros da comunicação social, mas não foi o que eu mais li. Eu gosto de literatura. Estudei, fiz disciplinas na FFLCH.

**Publicou outros livros?**

**Daniel Krasucki:** Publiquei mais um livro: *Assassinato da Rua Maranhão*. O personagem central é um detetive. Escrevi alguns outros que não foram publicados.

**Você nunca pensou em montar uma livraria tradicional?**

**Daniel Krasucki:** Pensei [...] poderia, em certo momento da vida, ter feito isso [...]. Poderia montar uma livraria, mas nunca me vi com uma livraria, na verdade [...] Na verdade durante muitos anos eu não queria trabalhar vendendo livros, eu queria ter as histórias de livros para escrever. Foi um sacrifício, mas estou satisfeito. [...] [Hoje] a vida comercial mudou bastante com livros raros. Hoje em dia estou trabalhando de manhã, de tarde e de noite, e nos sábados e domingos, cadastrando livros, comprando textos novos, e processo tudo isso.

**Como é que você avalia hoje a profissão de livreiro?**

**Daniel Krasucki:** Não sei [...] Eu fui um tipo de livreiro que dialogava com professores, estudava, lia os livros [...] Agora, como deveria ser um livreiro, eu não sei. Eu sei como eu fui.

**Como é, na banca e nos eventos, essa relação comercial com as editoras? É mesmo em consignação?**

**Daniel Krasucki:** Sim, sempre foi dessa forma. Mas claro que hoje há muitas inovações eletrônicas, comunicações por *e-mail*, telefone e outros que facilitam, e antes era só por carta ou pessoal. Enfim, tiveram muitas mudanças nesse sentido, de como negociar, mas a essência é parecida. [...] Eu sempre fui bem tratado pelas editoras, sempre fui com as bancas por vários estados do Brasil e me consideram um agente comercial confiável. Em suma, pago minhas obrigações em dia.

Duas palavras sobre a constituição deste campo. Houve algumas pessoas que batalharam muito para que o campo da comunicação existisse: o Marques de Melo, em primeiro lugar, a Margarida, a Immacolata, foram pessoas que tiveram visão de futuro. Por exemplo, foi com a Immacolata que o Intercom explodiu, ela captou o momento, como presidente do Intercom, por volta de 1995, 1996... então ela trouxe o [Jesus]



Martín-Barbero, o [Néstor Garcia] Canclini, teóricos importantes. Então, ela trouxe essas pessoas e, de repente, o [Congresso] Intercom, que juntava algumas centenas de pessoas, passou a juntar alguns milhares de pessoas. Mas não foi com uma ação populista, foi com uma ação científica, interpretando também um momento de explosão de universidades e faculdades de comunicação. Essas pessoas tiveram uma visão de futuro fora do comum. Pensaram que o campo poderia ser um campo científico denso, que envolvesse muita gente, muitos estudos científicos, uma comunidade científica vasta, nacional.

**Dá para dizer em média quantos títulos você geralmente tem expostos nos eventos e congressos?**

**Daniel Krasucki:** São muitos livros. Centenas de títulos. [...] posso considerar uns 500 livros, títulos, grosso modo.

Hoje em dia fazemos menos eventos, antes fazíamos os eventos regionais, e não fazemos mais. [...] Para você ter uma ideia: esse ano [2015], fizemos o Ibercom aqui na ECA, acabamos de fazer a Compós em Brasília, faremos o Intercom nacional no Rio de Janeiro, e a SBPJor, que é o congresso de pesquisadores em jornalismo, em Campo Grande, em novembro. Então esse ano são quatro grandes eventos de comunicação, mas sempre pode surgir mais algum

[...]. Tem um grupo de professores que sempre me apoiou muito, ou seja, a banca da ECA sempre funcionou porque os professores quiseram que funcionasse. Não foi, jamais, a partir de uma relação com o centro acadêmico. Nada contra o centro acadêmico, eu fui parte dele quando cursei a Faculdade de Direito, mas, de fato, por diferentes motivos, nunca houve relação com o movimento dos estudantes, com o centro acadêmico. Então, a banca está aqui porque os professores quiseram, inclusive em certo momento a congregação autorizou a existência da banca, formalmente, eu recebi um papel com todos os carimbos, e num segundo momento isso foi ratificado. Então, na verdade, é uma banca que existe e existiu porque os professores desejaram que existisse, e existe até hoje por esse motivo. [...] Quem monta as grandes bancas de livros nos eventos de comunicação sou eu. Eu sinto, eu escuto, que há um desejo de que a banca continue pelo papel que ela tem nos eventos.

**Então esses eventos representam um momento único em que esses livros estão**



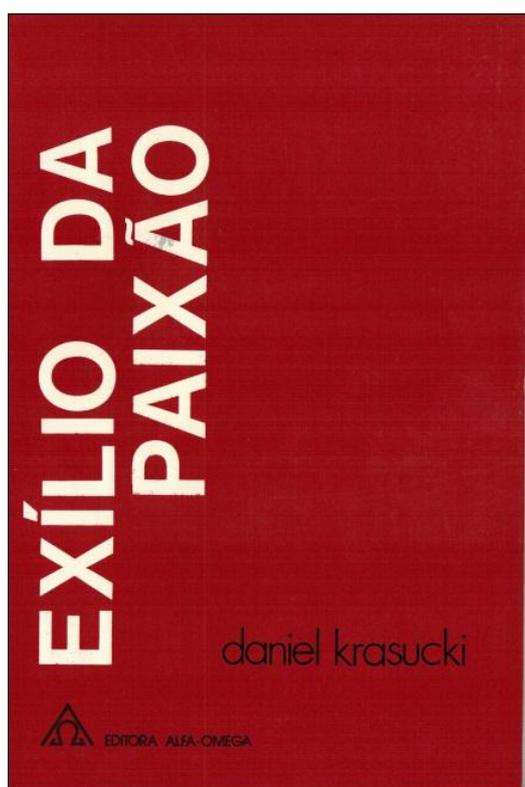
**todos disponíveis em um só lugar.**

**Daniel Krasucki:** Absolutamente único, e isso é fantástico. É a única oportunidade. Eu não vendo com cartão de crédito e o movimento é uma loucura.

Do ponto de vista profissional, no plano dos livros de comunicação estou contente. Tenho muitos amigos, muitas relações. Tenho um lugar e esse lugar é reconhecido. Dialogo com muita facilidade com todos, com todas as diferenças, com instituições. Acompanhei o desenvolvimento e a “densificação” do campo da comunicação. Enfim, [...] colaborei com a expansão que houve na sociedade brasileira no âmbito desses estudos científicos.

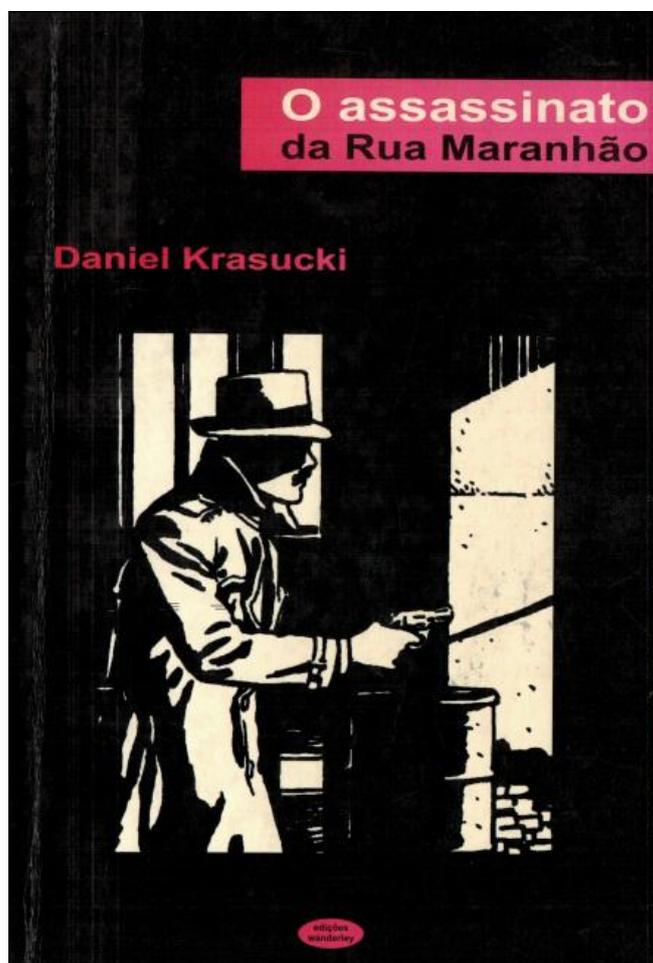
**Além disso, você teve o mérito muito grande de conseguir fazer uma parceria com os professores, com os autores, com os pesquisadores, de forma que eles veem a “Banca do Daniel” como algo que também é deles.**

Imagem 3 – Capa do livro *Exílio da paixão* (São Paulo: Alfa-Ômega, 1983)



Fonte: Reprodução por Sandra Reimão de livro do autor.

Imagem 4 – Capa do livro *O assassinato da rua Maranhão*  
(São Paulo: Edições Wanderley, 1998)



232

Fonte: Reprodução por Sandra Reimão de livro do autor.

Imagem 5 - Banca do Daniel, lançamento de livros no XIV Congresso Ibero-americano de Comunicação, IBERCOM, 2015, ECA-USP



Da esquerda para a direita: Guilherme Fernandes (UFJF), livreiro Daniel Krasucki, Simone Tuzzo (UFG), Chirlei Kohls (FURB), Ofélia Morales (jornalista), Monica Oliveira (USP), Iluska Coutinho (UFJF) e Ana Carolina Temer (UFG). Fonte: Sandra Reimão.

Imagem 6 - Congresso Intercom 2016 – USP – Profa. Dra. Margarida Kunsch e Daniel Krasucki.



Foto: Ana Caroline Castro.

### Referências

FERREIRA, Paulo Gaspar. **Dicionário técnico de termos alfarrabísticos**. Porto, In Libris, 1997.

MARTINS, Jorge Manuel. Livreiro, motor da edição. **OBS**, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, n. 14, nov. 2005.

Submetido em: 26.01.2018

Aprovado em: 30.05.2018